Revista VOLUNTAS
Estudos sobre Schopenhauer
ISSN: 2179-3786
contato@revistavoluntas.com.br

Sobre o cristianismo

Capítulo XV, § 177, de Parerga e Paralipomena (Tomo II)

Tradução de
Rogério Moreira Orrutea Filho
Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)
E-mail: rogeriomofilho@gmail.com

§ 177.

Sobre o cristianismo[1]

Para julgar corretamente o cristianismo, deve-se também considerar o que existia antes dele e aquilo que foi por ele removido. Antes de mais nada, o paganismo greco-romano: tomado como metafísica para o povo, um fenômeno altamente insignificante, sem dogmática própria e determinada, sem uma ética pronunciada de modo decisivo, sem uma verdadeira tendência moral e sem documentos sagrados; de modo que quase nem merece o nome de religião. Ao contrário: trata-se somente de um jogo de fantasia, uma obra malfeita de poetas a partir de contos populares; em sua melhor parte, são evidentes personificações das forças da natureza. Mal se pode pensar que, algum dia, os homens levaram a sério esta religião infantil. Porém, muitas páginas dos antigos atestam isso, sobretudo o primeiro livro de Valerius Maximus, e até mesmo muitas páginas de Heródoto, das quais quero mencionar apenas o último livro, capítulo 65, onde ele manifesta sua própria opinião e discursa como uma mulher velha. Em tempos posteriores e com a filosofia mais avançada, esta seriedade de fato desapareceu, e por isso foi possível ao cristianismo remover aquela religião estatal, apesar de seus apoios externos. Que, porém, a mesma jamais tenha sido levada a sério mesmo nos melhores tempos gregos – tal como nos novos tempos a religião cristã, ou na Ásia a budista, a brâmane ou também a muçulmana, e que consequentemente o politeísmo dos antigos era uma coisa completamente diferente do simples plural do monoteísmo – atesta-o suficientemente "As rãs", de Aristófanes, onde Dioniso é retratado

[1] SCHOPENHAUER, Arthur. *Parerga und Paralipomena*. Zweiter Band. Ed. de Arthur Hübscher. Zürich: Diogenes, 1977.

como o mais lamentável fanfarrão e covarde, sobre o qual só se pode imaginar, entregue ao escárnio. E isso era publicamente representado em seus próprios festivais, as Dionísias. – A segunda coisa que o cristianismo tinha que remover era o judaísmo, cujo dogma grosseiro foi sublimado e tacitamente alegorizado pelo dogma cristão. Em geral, o cristianismo é de natureza totalmente alegórica, pois o que chamamos de "alegoria" nas coisas profanas, significa "mistério" nas religiões. Deve-se admitir que o cristianismo superou, em muito, aquelas duas religiões anteriores, não somente no *campo moral*, onde as doutrinas da *caritas* [amor ao próximo], reconciliação, amor ao inimigo, resignação e negação da própria vontade são exclusivas a ele – entenda-se: no ocidente –, mas mesmo na *dogmática*. O que pode ser melhor à grande massa – que é incapaz de apreender imediatamente a verdade – do que uma bela alegoria, que serve suficientemente como fio condutor para a vida prática e âncora para o conforto e esperança? Porém, uma pequena mistura de elementos absurdos é um ingrediente aqui necessário, na medida em que serve de alusão à sua natureza alegórica. Se se entende a dogmática cristã *sensu proprio* [em sentido próprio], então Voltaire tem razão. Por outro lado, tomada alegoricamente, ela é um mito sagrado, um veículo por meio do qual são transmitidas verdades ao povo, que de outro modo seriam totalmente inalcançáveis a ele. Poder-se-ia comparar a mesma com os arabescos de Rafael, como também aos de Runge, que representam palpáveis contrariedades à natureza e impossibilidades, mas a partir dos quais fala um sentido mais profundo. Mesmo a afirmação da igreja, de que nos dogmas da religião a razão é completamente incompetente, cega e condenável, significa em um sentido mais profundo que esses dogmas têm natureza alegórica e por isso não podem ser julgados de acordo com os padrões impostos pela razão, que toma tudo *sensu proprio* [em sentido próprio]. Os absurdos no dogma são justamente a marca e o sinal do alegórico e do mítico; embora no presente caso, eles surjam do fato de que duas doutrinas tão heterogêneas, como aquelas do Antigo e Novo testamento, tenham sido entrelaçadas. Aquela grande alegoria só foi revelada gradativamente, por ocasião de circunstâncias externas e acidentais mediante a interpretação da mesma, sob a tácita influência da verdade profundamente situada e não trazida à clara consciência, até que ela foi aperfeiçoada por Agostinho, que penetrou em seu sentido de forma mais profunda, e que em seguida pôde compreendê-la como uma totalidade sistemática e completá-la naquilo que faltava. Portanto, somente a doutrina agostiniana, também

confirmada por Lutero, constitui o perfeito cristianismo, mas não o cristianismo originário, como pretendem os protestantes dos dias de hoje, que tomam a "revelação" *sensu proprio* e por isso se limitam a um indivíduo – assim como o germe que não é comestível, mas o fruto. Entretanto, o ponto ruim em todas as religiões está sempre no fato de que elas não deixam explícito, mas apenas implícito, que precisam ser consideradas alegoricamente, e por isso suas doutrinas têm sido seriamente declamadas como verdadeiras *sensu proprio*. Pelos absurdos nelas essencialmente requeridos, este fato conduz a um contínuo engano, e é um grande embaraço. Ainda pior é quando com o tempo se percebe que elas não são verdadeiras *senso proprio*, e então elas desmoronam. Por isto que seria melhor confessar imediatamente sua natureza alegórica. Porém, como que se deve explicar ao povo que algo pode ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo? Mas uma vez que encontramos tais qualidades, em níveis maiores ou menores, em todas as religiões, então devemos reconhecer que o absurdo, em certo grau, é apropriado à espécie humana, e até mesmo um elemento vital; e que a ilusão é para ela indispensável – o que é confirmado por outros fenômenos.

Um exemplo e justificativa da acima mencionada fonte de absurdos que nasce a partir da ligação entre Antigo e Novo testamento, dá-nos, entre outras, a doutrina cristã da predestinação e da graça, desenvolvida por Agostinho – esta estrela-guia de Lutero –, em consequência da qual um indivíduo, diante de qualquer outro, já possui antecipadamente a graça, a qual, por conseguinte, recai sobre um privilégio adquirido durante o nascimento e que chega pronto ao mundo, e que resulta na questão mais importante de todas. Porém, aqui, o elemento escandaloso e absurdo resulta meramente pela pressuposição do Antigo testamento, de que o homem é obra de uma vontade estrangeira e que fora produzido por esta a partir do nada. Em contrapartida – tendo em vista o fato de que os autênticos méritos morais são realmente inatos – a questão conserva um significado completamente diferente e mais racional sob a pressuposição brâmane e budista da metempsicose, de acordo com a qual aquilo que alguém traz consigo durante o nascimento – portanto, a partir de um outro mundo e de uma vida anterior – e que possui antecipadamente diante de qualquer outra pessoa, são os frutos de suas próprias ações realizadas em outro mundo, e não dádivas dadas de graça por outro ser. – No dogma de Agostinho está implicada ainda a tese de que, de toda a massa corrompida da espécie humana, e esquecida na eterna condenação, somente muito poucos são justificados e tornados bem-aventurados, e isso em consequência da eleição

da graça e da predestinação; o restante, porém, encontra a merecida ruína e a eterna aflição do inferno[*]. – Tomado *sensu proprio*, este dogma se torna revoltante. Pois não somente faz com que se expie os deslizes e até mesmo a descrença de uma vida – que muitas vezes mal chega aos vinte anos – por meio do sofrimento infinito – em virtude do eterno castigo infernal –, mas também acrescenta o fato de que esta maldição quase universal é, em realidade, uma decorrência do pecado original e, portanto, uma consequência necessária da primeira Queda. Porém, isso deveria ter sido previsto por aquele que criou os homens, e, primeiramente, não os criou melhores do que são, e depois lhes apresentou uma armadilha, na qual ele devia saber que eles cairiam, uma vez que todas as coisas eram sua obra e que a ele nada permanece oculto. Portanto, ele teria criado a partir do nada uma espécie fraca, submetida ao pecado, para em seguida entregá-la ao sofrimento sem fim. Finalmente, acrescenta-se o fato de que o Deus que prescreve tolerância e perdão de toda culpa, e até o amor ao inimigo, não pratica ele próprio nada disso, mas incide no ato contrário, uma vez que o castigo que se impõe ao final das coisas, quando tudo é passado e eternamente acabado, não pode ter por objetivo nem o aperfeiçoamento e nem a intimidação e, portanto, é mera vingança. Assim considerado, parece até mesmo que toda a espécie fora diretamente determinada e expressamente construída para o eterno sofrimento e maldição, com exceção daqueles poucos, os quais, pela graça – não se sabe por qual motivo – foram salvos. Porém, posto isso de lado, parece que é como se o amado Deus tivesse feito esse mundo em proveito do diabo; por isso ele teria feito muito melhor se não tivesse feito nada. – Então é isso que ocorre com os dogmas, se tomados *sensu proprio*. Por outro lado, se entendidos *sensu allegorico*, são passíveis de alguma explicação satisfatória. Conforme foi dito, o elemento absurdo, e até mesmo revoltante desta doutrina, é mera consequência do teísmo judeu, com sua criação a partir do nada e a negação – que a isto está ligada, e que é realmente paradoxal e escandalosa – da doutrina da metempsicose, a qual, em certa medida, é evidente por si mesma e, por isso, fora naturalmente reconhecida por quase toda a humanidade, em todos os tempos, com exceção dos judeus. E foi exatamente para deixar de lado o colossal embaraço resultante disso, e para suavizar o absurdo do dogma, que, no século VI, o Papa Gregório I, de modo muito prudente, aperfeiçoou a doutrina do purgatório, que em essência já se encontra em Orígenes (cf. Bayle, no artigo

[*] Cf. "Augustinismus und Pelagianismus", de Wiggers (Nota de Schopenhauer).

Origene, *note B*), e formalmente incorporou-a à fé da Igreja, por onde o assunto foi bastante suavizado e a metempsicose, em certa medida, compensada, uma vez que tanto uma doutrina quanto a outra fornece um processo de purificação. Com o mesmo objetivo também fora apresentada a doutrina da restauração de todas as coisas (αποκαταστασις παντων), pela qual, no último ato da comédia universal, até mesmo os pecadores, sem exceção, retornam *in integrum* ao estado anterior. – Apenas os protestantes, em sua rígida fé bíblica, não desconsideraram o eterno castigo do inferno. "Faça bom proveito!", poderia dizer alguém que fosse mau; porém, é consolador o fato de que eles não acreditam exatamente nisso, mas deixam provisoriamente o assunto de lado, pensando em seus corações: "não haverá de ser tão ruim".

Agostinho, por consequência de sua mente rígida e sistemática; por meio de seu austero trabalho de dogmatização do cristianismo; pela sua firme determinação daquelas doutrinas que, na bíblia, oferecem apenas indicações e que sempre pairam sobre fundamentos obscuros; por tudo isso, ele deu a estas determinações contornos tão rigorosos e, àquela dogmatização, argumentos tão ásperos, que nos parece hoje indecente e, exatamente por isso, assim como em seu tempo o pelagianismo pôs-se contrário a ele, atualmente coloca-se o racionalismo. Por exemplo, em *de civit. Dei, lib. 12, c. 21*, se consideramos o assunto *in abstracto*, chega-se de fato ao seguinte resultado: *um deus faz um ser a partir do nada*, dá ao mesmo proibições e comandos, e porque estes não são obedecidos, martiriza-o por toda a eternidade com todas as formas de sofrimentos imagináveis; e para que isso ocorra, ele liga corpo e alma de modo inseparável (*de civit. Dei, lib. 13, c. 2*; *c. 11 in fine* [na conclusão] e *24 in fine*), pois com isso o sofrimento deste ser jamais pode terminar pela sua decomposição e libertação, mas ele deve viver eternamente para a dor eterna – este pobre sujeito que veio do nada, que ao menos tem um direito ao seu *nada* originário, este último *retraite* [refúgio], que de modo algum pode ser tão ruim, e que deveria ser assegurado a ele, pelas vias da justiça, como sua propriedade herdada. Ao menos, não consigo deixar de simpatizar com ele. Se agora alguém ainda acrescenta o restante da doutrina de Agostinho, a saber, de que nada disso depende propriamente da ação ou omissão do homem, mas fora decidido de antemão pela eleição da graça, esse alguém certamente ficará sem saber o que pensar. Sem dúvida, dirão nossos racionalistas altamente cultos: "nada disso é verdade, e não passa de um conto de horror para crianças; pois nós vamos nos elevar em contínuo progresso, de grau em grau, para uma perfeição sempre maior" – é apenas triste o fato de

não termos começado isso antes, pois então já teríamos chegado lá. Nossa perturbação por tais manifestações aumentarão ainda mais, se no meio disso ouvirmos a voz de um herege mal e que fora até queimado, Julius Caesar Vaninus: *Si nollet Deus pessimas ac nefarias in orbe vigere actiones, procul dubio uno nutu extra mundi limites omnia flagitia exterminaret profligaretque: quis enim nostrum divinae potest resistere voluntati? Quomodo invito Deo patrantur scelera, si in actu quoque peccandi scelestis vires subministrati? Ad haec, si contra Dei voluntatem homo labitur, Deus erit inferior homine, qui ei adversatur, et praevalet. Hinc deducunt, Deus ita desiderat hunc mundum qualis est, si meliorem vellet, meliorem haberet*. [Se Deus não quisesse que as piores e mais indignas ações existissem no mundo, então, sem dúvida, com um gesto, Ele exterminaria todos os crimes e os baniria para fora dos limites do mundo. Pois qual de nós pode se opor à vontade de Deus? De que modo os crimes são executados contra a vontade de Deus, se também no ato de pecar Ele concede as forças aos criminosos? Mas se o homem peca contra a vontade de Deus, então Deus será inferior à vontade do homem, que a Ele se opõe e prevalece. Então conclui-se que Deus deseja este mundo tal como ele é; se quisesse um mundo melhor, teria feito um mundo melhor] (*Amphith. exercit. 16, p. 104*). Na página 103 ele também havia dito: *si Deus vult peccata, igitur facit: si non vult, tamen committuntur; erit ergo dicendus improvidus, vel impotens, vel crudelis, cum voti sui compos fieri aut nesciat, aut nequeat, aut negleat* [Se Deus quer que os pecados existam, então é Ele quem os comete; se Ele não os deseja, no entanto permite-os. Portanto, há de ser dito de Deus que ou Ele não é previdente, ou é impotente, ou cruel, uma vez que, em relação à satisfação de Seus desígnios, ou Ele é ignorante, ou é incapaz, ou indiferente]. E assim fica claro por que motivo, até os dias de hoje, o dogma da vontade livre é *mordicus* [firmemente] fixado, embora desde Hobbes até mim todo pensador sério e verdadeiro tenha condenado este dogma como um absurdo, como pode ser visto em meu escrito premiado sobre a liberdade da vontade[2]. – De qualquer modo, era mais fácil queimar

[2] Na verdade, no escrito premiado em questão, o que Schopenhauer faz é refutar a tese de que existe uma liberdade de arbítrio no sentido de capacidade de escolher indiferentemente entre duas alternativas opostas. No âmbito da ação, do *operari*, não haveria liberdade, uma vez que toda ação é resultado direto da interação causal entre motivos e caráter individual, de maneira que, tão logo se apresente os motivos mais adequados ao caráter do agente, a ação se segue como um efeito necessário. Porém, em função do inegável sentimento de responsabilidade que preenche a consciência do agente, Schopenhauer conclui que a liberdade se localiza no próprio caráter, no *esse* [ser] do agente, o qual, no entanto, é em última instância transcendental. Assim, Schopenhauer não revoga a liberdade moral, "mas apenas deslocada-a, a saber, do campo das ações isoladas (...) para uma região mais alta, mas não tão facilmente acessível ao nosso intelecto: isto é, ela é transcendental" (SCHOPENHAUER, Arthur. F/L, V, p. 139). (Nota do tradutor)

Vanini do que refutá-lo; por isso a primeira opção foi escolhida, depois que tivessem cortado a sua língua. A última opção ainda se oferece a qualquer um que possa tentar – porém, não com palavrórios vazios, mas com pensamentos sérios.

A compreensão agostiniana, em si correta, sobre o grande número de pecadores e sobre o número extremamente pequeno de merecedores da salvação eterna, encontra-se também no budismo e no bramanismo, porém, em decorrência da metempsicose, não causa nenhum choque, embora o primeiro conceda a emancipação final (*final emancipation*), e o segundo, o *nirvana* (ambos sendo o equivalente à nossa eterna salvação), apenas a alguns poucos indivíduos, os quais, no entanto, não são privilegiados, mas já chegam ao mundo com os méritos acumulados na vida anterior e agora prosseguem pela mesma via. Porém, todos os restantes não são jogados na imundice infernal que queima eternamente, mas são apenas colocados no mundo compatível com suas ações. Portanto, quem perguntasse aos doutrinadores destas religiões, onde estão e o que são agora todos aqueles restantes que não alcançaram a emancipação, a resposta seria esta: "Olhe à sua volta. Eles estão aqui, e isto eles são: este é seu campo de batalha, isto é *samsara*, i.e., o mundo do desejo, dos nascimentos, da dor, da velhice, da doença e da morte". Se, por outro lado, entendemos o dogma agostiniamo – de que há um número tão pequeno de escolhidos e um número tão grande de condenados – meramente *sensu allegorico*, para explicá-lo no sentido de nossa filosofia, então chega-se à verdade segundo a qual apenas alguns poucos alcançam a negação da vontade, e por isso chegam à libertação deste mundo (tal como se chega ao nirvana na visão budista). Por outro lado, aquilo que o dogma hipostasia como eterna condenação, é simplesmente este nosso mundo: é *nele* onde caem todos aqueles restantes. Ele é suficientemente mau: ele é o purgatório, o inferno, e nele não há falta de diabos. Basta refletir sobre o que os homens impõem aos homens de acordo com a oportunidade, com quais tormentos calculados um tortura o outro lentamente até a morte, para se questionar se o diabo poderia realizar algo mais. Do mesmo modo, a permanência neste mundo é também sem fim para todos aqueles que, sem se converter, persistem na afirmação da vontade de viver.

Mas, de fato, se um asiático me perguntasse o que é a Europa, então deveria responder: é aquela parte do mundo inteiramente possuída pela ilusão inconcebível e inacreditável segundo a qual o nascimento do homem é um início absoluto e que ele surgiu a partir do nada. –

No fundamento mais profundo e abstraindo as mitologias de ambos os lados, o *Sansara e o Nirvana* de Buda são idênticos a ambas *civitates* de Agostinho, nas quais o mundo se decompõe, a *civitas terrena* e *coelestis*, como ele expõe nos livros *de civitate Dei*, em especial *Lib. 14, c. 4* e o último capítulo; *Lib. 15, c. 1 e 21*; *Lib. 18*, no fim; *Lib. 21, c. 1*. –

No *cristianismo*, o *diabo* é um personagem altamente necessário, enquanto contrapeso para a bondade suprema, onisciência e onipotência de Deus, pois não se poderia conceber a fonte dos males preponderantes, inumeráveis e ilimitados que vêm ao mundo, se o diabo não estivesse aí para ser responsabilizado. Por isso que desde que os racionalistas o revogaram, surgiu a partir disso um prejuízo crescente para o outro lado que tem sido sentido cada vez mais; o que era para ser previsto e que fora previsto pelos ortodoxos. Pois não se pode tirar a viga de um edifício, sem pôr em risco toda a estrutura. – Nisso se confirma aquilo que foi constatado de outro modo, que, a saber, Jeová é uma conversão de Ormuzd e Satanás é uma conversão de Ahriman, que é inseparável de Ormuzd. Porém, o próprio Ormuzd é uma conversão de Indra. –

O cristianismo tem a desvantagem particular de que ele, diferente de outras religiões, não é uma pura *doutrina*, mas de que ele é essencialmente e principalmente uma *história*, uma sequência de acontecimentos, um complexo de fatos, ações e sofrimentos de seres individuais, e é exatamente esta história que constitui o dogma, e a fé neste dogma nos faz bem-aventurados. Outras religiões – especialmente o budismo – possuem um acréscimo histórico na vida de seus fundadores, mas isso não é parte do dogma em si, mas apenas acompanha-o. Alguém poderia, por exemplo, comparar o *Lalitavistara* ao Evangelho, porque ele contém a vida de Schakyamuni, o Buda do atual período do mundo. Mas isso permanece uma questão completamente separada do dogma, e, portanto, é uma coisa completamente distinta do budismo em si, justamente pelo fato de que a vida dos budas anteriores fora totalmente diferente, e a vida dos futuros será totalmente diferente. Aqui, o dogma não está de forma alguma atado à vida do fundador e não se baseia sobre pessoas e ações individuais, mas é um dogma universal, igualmente válido para todas as épocas. Por isso, o Lalitavistara não é um Evangelho no sentido cristão do termo, não é uma feliz mensagem sobre uma ação salvadora, mas a vida daquele que forneceu o ensinamento sobre como cada um pode salvar a si mesmo. – Daquela qualidade histórica do cristianismo resultou o fato de que

os chineses escarneceram dos missionários por considerá-los contadores de histórias fantasiosas. –

Um outro erro fundamental do cristianismo que aqui há de ser mencionado, mas de maneira alguma compreendido, e cujas infames consequências se manifestam diariamente, consiste no fato de que ele, de forma desnaturada, separou violentamente o homem do *mundo animal*, ao qual o homem essencialmente pertence, e somente ao homem atribui valor, enquanto considera os animais como *coisas*, ao passo que o bramanismo e o budismo, fiéis à verdade, reconhecem decididamente o evidente parentesco que o homem possui em geral com toda a natureza, mas mais próximo e principalmente com a natureza animal, e sempre o representa em estreita ligação com o mundo animal, por meio da metempsicose e em outros assuntos. O significativo papel desempenhado pelos animais no bramanismo e no budismo, comparado com a completa nulidade dos mesmos no *judaico-cristianismo*, afasta este último da perfeição, por mais que, na Europa, tenhamos nos acostumado com tal absurdo. Com a finalidade de embelezar aquele erro fundamental – mas para de fato apenas aumentá-lo – tem-se aqueles artifícios conceituais tão lastimáveis quanto descarados, já repreendidos em minha Ética, que consistem em atribuir outras palavras para designar as funções naturais que os animais compartilham conosco e que atestam imediatamente a identidade de nossa natureza com a deles, tais como comer, beber, gestar, nascer, morrer, assumir estado cadavérico, etc. Este é realmente um estratagema baixo. Porém, o mencionado erro fundamental é uma consequência da criação a partir do nada, de acordo com a qual (capítulo 1 e 9 do Gênesis) o Criador acrescentou todos os animais como coisas e sem qualquer recomendação ao bom tratamento – como muitas vezes até mesmo um comerciante de cães faz, quando ele se afasta de seu aprendiz – e os entregou ao homem para que ele os *dominasse*, portanto, que agisse em relação a eles como achasse melhor; e no segundo capítulo, Ele ainda nomeia o homem o primeiro professor de zoologia, sob o encargo de conceder aos animais os nomes que dali em diante deveriam conduzir, o que é apenas um símbolo da total dependência dos animais em relação aos homens, isto é, do fato de que eles não possuem direitos. – Sagrada Ganga, mãe de nossa espécie! Semelhantes histórias têm sobre mim o mesmo efeito que o betume judeu e o *foetor judaicus* [odor judeu]! Na visão judaica situa-se esta consideração que compreende o animal como um objeto fabricado para o uso do homem. Mas infelizmente as consequências disso são perceptíveis até os dias de hoje,

pois elas se alastraram para o cristianismo, e exatamente por isso dever-se-ia parar de uma vez de enaltecer sua moral como a mais perfeita de todas. Na verdade, ela possui uma grande e essencial imperfeição, na medida em que limita seus preceitos ao homem e deixa a totalidade do mundo animal sem direitos. Por este motivo, na defesa dos mesmos diante da massa grosseira e destituída de sentimentos – e frequentemente mais que bestial – a polícia precisa cumprir o papel da religião e, porque não alcança este objetivo, formam-se nos dias de hoje sociedades protetoras dos animais em toda parte da Europa e da América, o que, por outro lado, seria a coisa mais supérflua do mundo em toda a Ásia *incircuncisa*, onde a religião protege suficientemente os animais, e até mesmo os faz objeto de positiva beneficência, cujos frutos temos diante de nós no exemplo do grande hospital para animais do Surate, para o qual cristãos, muçulmanos e judeus também podem enviar seus animais doentes; porém, depois de curados, não podem reavê-los, o que é muito correto. Outro exemplo ocorre quando por um feliz acaso pessoal, por um desfecho favorável, o brâmane ou budista não berra um *te Deum* [a ti louvamos, Deus!], mas vai ao mercado e compra aves para abrir suas jaulas diante dos portões da cidade – o que se pode frequentemente observar em Astracã, onde se encontram fieis de todas as religiões –, e ainda em centenas de casos semelhantes. Por outro lado, vê-se a espantosa malvadez com a qual nossa plebe cristã se conduz diante dos animais, matando-os, mutilando-os ou martirizando-os alegremente e sem qualquer finalidade, e mesmo aqueles que lhe são mais próximos, os seus cavalos, quando velhos força-os ao máximo para que trabalhem até a última marca de seus pobres ossos, e até que sucumbam sob seus golpes. Em verdade, alguém poderia dizer: os homens são os demônios deste mundo, e os animais são as almas atormentadas. Estas são as consequências daquela cena de instalação no jardim do paraíso. Pois só se convence o populacho pela força, ou pela religião; mas aqui o cristianismo nos abandona vergonhosamente. Eu ouvi de uma fonte segura que um pastor protestante, ao ser convidado por uma sociedade protetora de animais para fazer uma pregação contra os maus-tratos de animais, negou o pedido, sob o argumento de que apesar de sua boa vontade não poderia fazê-lo, pois a religião não conferia a ele qualquer amparo. O homem era honrado, e tinha razão. Uma publicação da tão altamente digna associação para a proteção dos animais de Munique, datada de 27 de novembro de 1852, esforça-se para apresentar, com as melhores intenções, "as prescrições que pregam os cuidados

com o mundo animal", e cita os Provérbios de Salomão 12, 10; Sirach [Eclasiástico] 7, 24; Salmos 147, 9; 104, 14; Jó, 38, 41; Mateus, 10, 29. Porém, isso é uma *pia fraus* [mentira pia], que supõe que ninguém irá abrir aquelas páginas. Apenas a primeira e bastante conhecida passagem diz algo apropriado, embora diga muito pouco; as outras, embora falem de animais, no entanto não dizem nada sobre os cuidados com os mesmos. E o que diz aquela passagem? "O justo se apieda [erbarmt] de seu gado [Viehes]" – "apieda"! – que expressão! Apiedamo-nos de um pecador, de um malfeitor; não de um inocente e fiel animal, que frequentemente é o que sustenta seu dono, e que nada ganha com isso, além de escassa forragem. "Apieda"! Não piedade, mas justiça é o que se deve aos animais. E este débito permanece maior na Europa, esta parte do mundo que foi tão atravessada pelo *foetor judaicus* [odor judeu], a ponto de a simples e evidente verdade, segundo a qual "o animal é, em essência, a mesma coisa que o homem", parecer um escandaloso paradoxo[*]. – Portanto, a proteção dos animais recai sobre as sociedades protetoras, criadas para este fim, e sobre a polícia, mas ambas pouco podem fazer aqui, diante daquela malvadez geral do populacho, e onde se trata de seres que não podem queixar-se, e onde, de centenas de atos cruéis, mal se pode ver um; acrescente-se ainda que os castigos legais são brandos demais. Recentemente, fora proposto na Inglaterra castigos corpóreos, o que para mim parece totalmente adequado. Porém, o que se deve esperar do populacho, se há eruditos e até mesmo zoólogos que, em vez de reconhecer a identidade de essência no homem e no animal que é tão intimamente conhecida por eles, são ao contrário fanáticos e estúpidos o bastante para polemizar e rivalizar com colegas honestos e racionais que colocam o homem na classe animal correspondente, ou que apontam as grandes semelhanças do chimpanzé e orangotango com ele? Mas de fato revoltante é quando o tão totalmente intencionado e devoto cristão *Jung-Stilling*, em seu "Scenen aus den Geisterreich" ["Cenas do Reino dos Espíritos"] faz a seguinte comparação: "de repente o esqueleto encolheu em uma pequena forma de pigmeu indescritivelmente horrível, tal como uma aranha grande quando colocada sob o ponto de calor de uma lente ustória e seu sangue, semelhante ao pus, sibila e ferve". Portanto, ato tão infame fora praticado por este homem de Deus, ou fora por ele presenciado na condição de tranquilo observador – o que, neste caso, é a mesma coisa. Sim, ele se

[*] As sociedades protetoras dos animais, em suas advertências, sempre trazem o argumento ruim de que a crueldade contra os animais conduz à crueldade contra o homem, como se apenas o homem fosse um objeto imediato de dever moral, e os animais apenas um objeto mediato; em si, uma simples coisa (cf. Os dois problemas fundamentais da ética, p. 164, 243 ss.) (Nota de Schopenhauer).

incomodou tão pouco com o fato, que nos conta incidentalmente, totalmente despreocupado! Estas são as consequências do primeiro capítulo do Gênesis e, em geral, de toda a compreensão judaica sobre a natureza. Por outro lado, entre os hindus e budistas vale a Mahavakya (a grande palavra) "Tat-twam asi" (isto é tu), que a todo momento deve ser pronunciada sobre todo animal, para conservar-nos presente a identidade da essência interior que há nele e em nós, como princípio de nossa conduta. – Afastai de mim com vossa moral, que é a mais perfeita de todas. –

Quando eu estudava em Göttingen, na aula de fisiologia, *Blumenbach* falou muito seriamente sobre os horrores das vivissecções, e mostrou-nos que tipo de coisa cruel e terrível elas eram, e por isso só se deve recorrer a elas muito raramente e em função de estudos muito importantes e que tragam vantagens imediatas; então deve ocorrer com a maior publicidade, em grandes auditórios, após convidar todos os estudantes de medicina, para que com isso o cruel sacrifício sobre o altar da ciência traga a mais alta utilidade possível. – Por outro lado, hoje em dia todo medicastro se permite realizar em sua câmara de tortura as mais cruéis torturas de animais, para decidir sobre problemas que já foram resolvidos há muito tempo nos livros, mas nos quais ele é indolente e ignorante demais para meter o nariz. Nossos médicos não têm mais a formação clássica de outrora, que concedia-os uma certa humanidade e uma aparência nobre. Agora eles vão o mais rápido possível à universidade, onde ele deseja apenas aprender a untar emplastros, para que com isso possa prosperar sobre a terra.

Os biólogos franceses parecem estar adiantados com o exemplo, e os alemães os seguem no ato de impor as mais cruéis torturas sobre animais inocentes, frequentemente em grande número, para resolver questões puramente teóricas, frequentemente muito fúteis. Eu agora quero provar isso com alguns exemplos que me revoltaram, embora não sejam de modo algum extraordinários, pois outros 100 casos semelhantes poderiam ser contados. O professor Ludwig Fick, em Marburgo, em seu livro "Über die Ursachen der Knochenformen" ["sobre as causas das formas ósseas"] (1857), conta que retirou os globos oculares de jovens animais, para com isso confirmar sua hipótese de que os ossos crescem nas cavidades! (S. Central-Blatt de 24 de outubro de 1857).

Merece menção especial a crueldade que o barão Ernst von Bibra cometeu em Nuremberg, e *tanquam re bene gesta* [como ele o fez bem] contou ao público com

inconcebível ingenuidade, em seu "Vergleichenden Untersuchungen über das Gehirn des Menschen und der Wirbelthiere" ["Investigações comparativas sobre o cérebro do homem e dos animais vertebrados"] (Mannheim, 1854, p. 131 e ss.), que ele deixou intencionalmente dois coelhos morrerem de fome, para apresentar a inútil e vã investigação sobre se, com a morte pela fome, a parte química do cérebro sofria uma alteração de proporção! Pelo bem da ciência, *n'est-ce-pas* [não é mesmo]? Será que esses senhores não sabem que, em primeiro lugar, eles são homens, e só depois químicos? – Como alguém pode dormir tranquilo, enquanto mantém presos inofensivos animais amamentados pela mãe, para infligir-lhes o longo martírio da morte pela fome? Será que não se espanta durante o sono? E isso acontece na Baviera, onde sob os auspícios do príncipe Adalberto, o digno e meritório conselheiro da corte *Perner* resplandeceu diante de toda a Alemanha no ato de proteger os animais contra a brutalidade e crueldade. Não há em Nuremberg nenhuma sociedade filiada àquelas que atuam com sucesso em Munique? As cruéis ações de Briba, se não podiam ser coibidas, permaneceram impunes? – Porém, a última coisa que deveria pensar aquele que ainda tem de aprender tanto com os livros, como é o caso deste senhor von Briba, é em alcançar as últimas respostas pelo caminho da crueldade[*], infligir sofrimento à natureza, para enriquecer sua ciência; em descobrir seus segredos que talvez há muito tempo já sejam conhecidos. Pois para este saber há muitas outras fontes inofensivas, sem que fosse necessário martirizar pobres e indefesos animais até a morte. Que crime foi cometido no mundo por aqueles pobres e inofensivos coelhos, para que alguém os prendesse, para infligir-lhes a dor da lenta morte pela fome? Ninguém está autorizado à vivissecção, se já não sabe e conhece tudo aquilo que está nos livros sobre as questões a serem investigadas.

É notório que estamos na época em que a compreensão judaica sobre a natureza, ao menos em vista dos animais, encontra seu fim na Europa, e em que *a essência eterna*, que *vive tanto em nós* como *em todos os animais*, seja reconhecida, protegida e respeitada. Saibam e anotem! Isto é sério e não há como voltar atrás, mesmo que vocês

[*] Pois, por exemplo, ele apresenta detalhadamente investigações sobre a relação do peso do cérebro para com o peso de todo o corpo, ao passo que, desde que *Sömmering* revelou isso com um exame claro, é de conhecimento de todos e incontestável, que se deve avaliar o peso do cérebro não na relação com o peso do corpo todo, mas na relação com o peso de todo o sistema nervoso restante (cf. *Blumenbachii instittt. physiol., edit. quart. 1821, p. 173.* Primeiro aprende, depois discute. Que isso seja dito incidentalmente a todos os colegas que escrevem livros, e que não provam nada além de sua ignorância), e é evidente que isso pertence aos conhecimentos preliminares que se deve ter quando se empreende investigações experimentais sobre o cérebro do homem e dos animais. Mas certamente é mais fácil torturar pobres animais lentamente até a morte do que aprender alguma coisa. (Nota de Schopenhauer)

cubram toda a Europa com sinagogas. Deve-se estar cego em todos os sentidos e totalmente cloroformizado pelo *foetor judaicus* para não perceber que *o animal*, na essência e no principal é inteiramente a mesma coisa que nós, e que a diferença consiste meramente no acidente, no intelecto, e não na substância, que é a vontade. O mundo não é uma peça de maquinaria, e os animais não são um produto feito para nosso uso. Estas mesmas opiniões deveriam ser deixadas aos cuidados das sinagogas e dos auditórios de filosofia, que em essência não são muito diferentes. Por outro lado, o conhecimento acima exposto nos fornece a regra para o tratamento adequado dos animais. Aos zelotes e padrecos, aviso que não há muito o que contradizer aqui: pois desta vez não somente a *verdade*, mas também a *moral* está a nosso lado[*].

O *maior benefício das ferrovias* consiste no fato de que pouparam milhões de cavalos de tração de sua existência miserável.

Infelizmente, é verdadeiro que, depois que o homem migrou para o norte – e por isso ficou branco – passou a necessitar da carne dos animais, embora existam *vegetarians* na Inglaterra: porém deve-se tornar a morte destes animais inteiramente insensível para eles mediante clorofórmio e golpes rápidos em lugares letais; e não por "piedade", como está expresso no Antigo Testamento, mas por pesada dívida diante do Ser eterno, o qual vive em todos os animais, assim como vive em nós. Antes de tudo, dever-se-ia cloroformizar todos os animais que serão abatidos: isso seria uma nobre experiência, que honra os homens, e pela qual a mais alta ciência do ocidente e a mais alta moral do oriente andariam lado a lado, na medida em que o bramanismo e o budismo não limitam suas prescrições "ao próximo", mas tomam sob sua proteção "todos os seres vivos".

Apesar de toda a mitologia judaica e da intimidação dos padrecos, também na Europa deve finalmente chegar à validade a verdade inteiramente óbvia por si mesma e imediatamente certa para todo homem de cabeça sadia e que não fora embriagada pelo *foetor judaicus*, e que não será mais encoberta: a verdade de que os animais, *no principal e essencial, são inteiramente o mesmo que nós*, e que a distinção está apenas no grau de inteligência, isto é, na função cerebral, o que, porém, do mesmo modo admite grande distinção entre as diferentes espécies animais; com isso será dado um tratamento mais

[*] Eles enviam missionários aos brâmanes e budistas, para ensiná-los a "verdadeira fé": mas estes, quando veem como os animais são tratados na Europa, sentem a mais profunda aversão pelos europeus e suas doutrinas de fé. (Nota de Schopenhauer)

humano aos animais. Pois quando aquela verdade simples e que se mantém acima de toda dúvida penetrar no povo, os animais não serão mais mostrados como seres sem direitos e, portanto, não serão mais abandonados aos caprichos cruéis e barbárie de cada patife grosseiro; e os medicastros não serão mais livres para colocar à prova cada mania ousada de sua ignorância mediante os tormentos horrendos de inúmeros animais, como ocorre nos dias de hoje. De fato deve-se notar que agora os animais são na maioria das vezes *cloroformizados*, e por isso, durante a operação, são poupados do sofrimento e assim pode-se proporcionar uma morte mais rápida. Porém, nas cirurgias hoje tão frequentes, direcionadas às funções do sistema nervoso e sua sensibilidade, este meio é necessariamente excluído, o que revoga precisamente aquilo que aqui há de se observar. E infelizmente é submetido à vivissecção com a maior frequência aquele que é moralmente o mais nobre de todos os animais: o cachorro, cujo sistema nervoso bastante desenvolvido torna-o mais suscetível à dor[*]. O tratamento sem escrúpulos dos animais também deve chegar ao fim na Europa. – A visão judaica do mundo animal deve ser eliminada da Europa, por causa de sua imoralidade: e o que é mais evidente, do que o fato de que, na essência e no principal, o animal é inteiramente a mesma coisa que nós? Para ignorar isso, alguém deve estar cego em todos os sentidos, ou mais provavelmente não *quer* ver, pois para esse alguém uma vantagem qualquer é preferível à verdade.

[*] Sobre a crueldade contra *cachorros presos em correntes*: o único verdadeiro companheiro e mais fiel amigo do homem, a mais preciosa conquista que o homem já fez, como diz *Fr. Cuvier* [*Le règne animal*], e um ser tão inteligente e de sensibilidade delicada, como um criminoso é colocado nas correntes, onde desde a manhã até a noite, ele nada sente além do desejo sempre renovado e jamais satisfeito pela liberdade e movimento, e onde sua vida é um lento martírio! Finalmente, mediante tal crueldade, ele é descaracterizado [enthundet wird], e se converte em um animal sem amor, selvagem e infiel, e também em um ser que sempre treme e rasteja diante do diabo homem! Eu preferiria ser roubado a ter diante dos olhos tal miséria, da qual eu fosse a causa (vide o caso do lorde e seu cão acorrentado, §153). Todas as jaulas de aves também são uma forma de crueldade torpe e estúpida. Isso deveria ser proibido e a polícia também aqui deveria tomar o lugar da humanidade. (Nota de Schopenhauer)

Recebido: 09/11/16
Received: 11/09/16

Aprovado: 28/11/16
Approved: 11/28/16